



Notas sobre Exu: o deus pós-moderno

Por Alexandre de Oliveira Fernandes

*Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil
Professor de Língua Portuguesa e Literaturas do Centro Federal de Educação
Tecnológica da Bahia – CEFET – Brasil
E-mail: alexandre.pro@gmail.com*

Quem não é de Olobojô
Não usa laguidibá
Tira o colar do pescoço seu moço
Que é pra não se machucar

Nei Lopes

Desde que o Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC –, acolheu-me para uma “reflexão acerca de Exu”, textos de diversos pesquisadores me foram apresentados, entrevistei sacerdotes do Candomblé e da Umbanda, filhos de Exu, iniciados ou não, colhendo farto material sobre esta divindade nagô.

Em contraponto à história de um Brasil, gregário de um discurso de demonização da cultura negra e deificação da mitologia europeia, segundo a qual, “os deuses tinham

pele branca, os diabos, pele negra, e era dever dos deuses subjugar os diabos” (FORD, 1999, p.35), a caminhada até aqui me leva a apontar Exu como um deus que muito bem se acomoda à chamada pós-modernidadeⁱ.

*Trickster*ⁱⁱ, brincalhão, possui capacidade imensa de agregar valores sobre sua identidade. Exu não tem *uma* identidade, transmuta-se com extrema rapidez. Não dicotômico, paradoxal, controverso, Exu é o “e-também” pós-moderno (HUTCHEON, 1991, p.36).

É Orixá, humano e divino, amigo e inimigo invisível dos orixás, que “pode matar a pessoa que se recusa a oferecer o sacrifícioⁱⁱⁱ. Pode também amaldiçoá-la ou privá-la de suas propriedades” (DOPAMU, 1990, p.41). *E também*, “assiste aqueles que lhe oferecem o ebó muito mais vezes que pune aqueles que faltam ou que ri destes quando encontram a desgraça” (BASCOS, 1980, p.41).

É *Yangi*, o Senhor da Laterita Vermelha; *Agba*, o Senhor Ancenstral; *Igba Keta*, o Senhor da Terceira Cabaça; *Odara*, o Bondoso; *L’Onan*, o Senhor dos Caminhos; *Elebó*, o Carregador do Ebó; como *Osije*, é o Mensageiro Divino. Energia polilógica, polifônica, multifacetada e ambígua, é o executor divino que promove a ação dos deuses.

Astuto, malicioso, sagaz, joga nos dois times interessados na vitória, sem o menor constrangimento. Não aposta nem em um, nem em outro. Joga *com* eles apenas.

Segundo Idowu citado por Dopamu (1990, p.21),

É temido também por ser malicioso e promotor de desordem, integralmente capaz de causar confusão, criando situações complicadas ou promovendo maldade entre as pessoas. Por sua malícia cria inimizade entre amigos muito chegados, rixas entre marido e mulher, antagonismo entre pai e filho.

Contudo, para o sacerdote nigeriano, Sikiru Salami (1999, p. 103), Exu é “temido e evitado não por ser malévolo e sim por ser extraordinariamente poderoso”.

Neste sentido, Exu não é o mal, mas, não tolera a passividade e a desordem, promovendo constante desarranjo necessário à evolução humana.

Um mito coletado por Verger (2002, p.31) diz que Exu teria encontrado dois antigos amigos. Exu passou por entre eles com um boné, sendo que, de um lado via -se a cor vermelha e do outro, a cor branca. Um dos rapazes disse ao outro que viu um homem usando um boné vermelho. O outro logo se apressou em dizer que o boné era branco. Estava posta a demanda. Os amigos se agrediram, cada qual defendendo o seu ponto de vista. Acabaram se matando.

Sacerdotes do Culto aos Orixás em São Paulo, Antônio de Xangô e Marta Moema de Oxum, contrariam uma leitura cartesiana de Exu e da simbologia presente em seu mito.

Estes zeladores apresentam Exu como aquele que “provoca o caos para dinamizar e movimentar as coisas do mundo”. Assim, não foi Exu quem provocou a morte dos amigos. Eles foram intolerantes e agressivos. Não perceberam que ambos estavam certos. Necessitam, pois, da energia de Exu para desenvolverem a tolerância e a sabedoria.

Um homem usando um boné, que não era nem vermelho, nem branco, mas branco e vermelho ao mesmo tempo, havia por ali passado. Há algo de mais pós-moderno?

Diversas entrevistas^{iv} com iniciados em Exu apontaram-no como “aquele que é tolerante”, “que me trouxe paciência”, “que me dá segurança”, “que me harmoniza”. Há ainda quem diga que é ele um “grande amigo”, “mensageiro dos deuses”, “senhor de alta magia”.

Noves fora, o meu pitaco e a minha oração, Exu é “Deus pós-moderno”, que com seu poder mágico manipula os seres. Manipule a outro e não a mim. Até porque, “Quem não é de Olobojô / Não usa laguidibá”. Mojubá!

Ilustrações: Pedro Rafael. Disponível em: A Cor da Cultura. Acesso em: 26 nov. 2008.

REFERÊNCIAS

BASCOM, William Russel. *Sixteen Cowries: Yoruba Divination from África to the New World*. Indiana University Press, 1980.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. RJ. Jorge Zahar Editor, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CAPONE, Stefania. *A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas, 2004.

DOPAMU, Ade. *Exu: o inimigo invisível do homem*. Oduduwa, São Paulo, 1990.

FEATHERSTONE, Mike. Para uma sociologia da cultura pós-moderna. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. São Paulo: Summus, 1999.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. R.J. imago. 1991.

SALAMI, Sikiru. *Poemas de Ifá e valores de conduta social entre os Yorubá da Nigéria*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. São Paulo, 1999.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.

ⁱ A pós-modernidade já foi estudada por diversos pensadores. De Featherstone (1995) a Canclini (1997), de Bauman (1998) a Lyotard (2006), todos concordam que a pós-modernidade é o tempo dos paradoxos, em que tudo é temporário e relativo, flexível, descontínuo. Linda Hutcheon (1991, p.36) define-a como o tempo do *e-também*, a união dos contrários, negando uma identidade fixa e estática do mundo.

ⁱⁱ Capone citando Ricketts (2004, p. 53) define trickster como "O criador da Terra e/ou (...) aquele que transforma o caótico mundo mítico na criação ordenada dos tempos atuais. (...) É também um travesso insultuosamente erótico, insaciavelmente faminto, exageradamente vaidoso (...).

ⁱⁱⁱ Importante destacar que o sacrifício não é uma cobrança de Exu. É restituição e promoção do axé. Particularmente no que tange a Exu, é uma forma de agradecer aquele que provocou o caos, viabilizando o movimento e a harmonia futura.

^{iv} Interessante que no momento registro mais de 50 horas de entrevistas com diversos cultuadores de Orixá. E, chama a atenção, a enorme diversidade de imagens com a qual Exu é representado pelos entrevistados.